

OS VIAJANTES DO MATTO.

O COMMERCIO de pelleterias é hoje tão dilatado e importante, que o exercitam poderosas companhias inglezas, russianas e americanas, assim nas brenhas mais sertanejas, e aguas interiores dos Estados-Unidos da America e paizes limitrophes, como nos gelos do norte da Europa, onde mantem feitorias, ás vezes a muitos centenares de leguas dos portos e costas maritimas, servindo-lhe essas remotas estações para fazerem a permutação das fazendas, que tem consumo neste trafico, pelas pelles que os caçadores indios e outros colhem em suas digressões aventureiras e perigosas. A narração dos successos que frequentemente acontecem a essa gente em seu mui laborioso exercicio, e a pintura de seus costumes e fadigas, offerecem todo o interesse e attractivos de uma novella; podem ler-se nas obras de estimaveis escriptores, nomeadamente, Mr. Washington Irving. As diligencias e estabelecimentos das companhias dadas áquelle negocio tem por seus empregados fornecido para o adiantamento da geographia materia importante, haja vista aos escriptos muito acreditados e curiosos de Hearne e Mackenzie.

O vasto territorio do Canadá é uma das regiões em que mais se explora a pesquisa e negociação das pelles para forros. O Canadá é, como a Suecia e mais alguns paizes ainda que poucos, tão intersectado por lagos, como em outra parte dissemos, (\*) que uma canoa o percorre d'extremidade a extremidade, quasi sem interrupção; e se assim não fóra, o commercio das pelles provavelmente não alcançaria a importancia que tem hoje alli, porque com difficuldade grandissima as poderiam transpor-

tar do intimo do sertão bravio para os portos maritimos, o que se consegue por auxilio da navegação fluvial e interna. Antigamente, dominando os francezes, havia os que chamavam *corredores do matto*, que ora remontavam os rios em canoas, ora corriam os bosques com os indios; porem, quando o trafico tomou mais regular character, foram esses homens substituidos por outros com obrigações mais definidas; os negocios em terra foram confiados a commissarios europeus e aos caçadores indios, e o governo das canoas commettido aos *viajantes do matto ou do sertão*, que eram e são francezes canadiens. Depois da transferencia da posse do Canadá para a corôa britannica, os taes *viajantes* mal se conformavam com os habitos e usos dos novos senhores, porem gradualmente se interessaram nos empenhos da Companhia denominada do noroeste, á qual tem prestado utilissimos serviços. A nossa gravura mostra o vestuario e toda a apparencia exterior destes barqueiros, tão intrepididos como os marujos do mar alto, e de certo muito mais sujeitos a fadigas e privações. Fallam presentemente uma linguaagem, que é uma algaravia de francez, inglez, e indio; parece que da primeira nação herdaram aquella especie de alegria habitual e a vivacidade que os caracteriza: são muito apaixonados pelo canto e dança. Uma das qualidades mais notaveis, derivada sem duvida daquelles dotes e propensões é a civilidade attenciosa reunida a genio complacente, em vez da grosseria e aspereza no trato, que de ordinario adquirem as pessoas occupadas de continuo em trabalhos tão pesados, como os que elles exercitam: uns para os outros são compassivos e beneficentes, ajudando-se reciprocamente nas durezas, desastres e perigos de sua vida penosa; e para com

(\*) O artigo, que no presente vol. escrevemos ácerca da cidade de Quebec (pag. 217) cita os antecedentes, que os curiosos poderão consultar.

os estrangeiros usam de modos affaveis e agasalhadores. E tudo isto praticam em occasiões, em que affrouxariam quaesquer homens de rijatêmpera d'animo. Quer em longinquas e arriscadas expedições, quer no costear dos lagos e no remontar dos rios; ora acampados ao ar livre e por noites de rigorosa temperatura, ora dentro de suas canoas esperando a carregação ou arrumando-a, estes homens cantam sempre e a jovialidade brilha nos seus semblantes; é para notar que as cantigas são francezas, e a cadencia marcada pelas pancadas do remo, quando a canoa voga. É gente robusta e emprehendedora, e sem a qual, como referimos, não era possivel obter que as companhias exploradoras do negocio das peliterias realisassem seus intentos e lucros.

#### ESTUDOS MORAES.

##### O parochio d'aldeia.

##### 3.º

(Continuado de pag. 126.)

A QUEM não tem succedido nas horas de solidão — no silencio da noite em que não póde dormir, ou no pino do dia calmoso ao atravessar o bosque cerrado e sombrio, onde só se ouve o zumbir e o ferver dos insectos: — a quem não tem succedido engolfar-se n'uma vaga meditação, e, por assim dizer, tombar de pensamentos em pensamentos presos por fio tão tenue, tão imperceptivel para a consciencia, que depois dessa especie de devaneio o pertender remontar da ultima á primeira idéa seria baldado empenho, por falta de transições naturaes e logicas? — E todavia, a alma que nessa situação como que perde o sentimento da vida externa, lá achou no seu incessante cogitar uma ponte invisivel para transpôr os abysmos que a fria, coixa e orgulhosa rasão humana suppõe existirem, quasi a cada passada, no mundo da intelligencia. Quando o espirito se isola dos corpos; quando a imaginação depurando o senso intimo o faz repellir a materia, fechando-se, como a mimosa pudica, á acção grosseira dos sentidos externos, o homem alevanta-se até o viver de alem da morte, a luz dos anjos allumia-lhe as profundezas mais obscuras do universo ideal, e elle sabe quaes os caminhos e valles que unem as suas cumiadas brilhantes, as quaes são os unicos pontos que se podem enxergar da terra. O primeiro que disse: «em tudo está tudo» teve uma destas revelações da imaginação pura, revelação completa do ideal, que não é mais do que a fusão da variedade absoluta e infinita na infinita e absoluta unidade.

Mas estes momentos em que somos illuminados pelo sol da vida celestial passam rapidos: o espirito cae logo dentro dos limites da sua existencia de provança e desterro, e recordando-se confusamente daquellas inspirações passageiras, sorri-se e chama-lhes sonhos, abusões, desvarios. É que a pobre e soberba rasão, miope advogada do lodo e do crepusculo, regeita com horror as cogitações puras e luminosas que Deus faculta ás vezes ao miseravel ente, creado quasi anjo por elle, e a quem o primeiro raciocinio que se fez na terra converteu em insensato e précito.

E a que vem estas metaphysicas aqui? — De que utilidade são ellas para a historia do Parochio da al-

deia, e da festa do orago, ha tanto tempo interrompida, e que até agora não tem passado de divagações por objectos sem ligação com a vida e costumes do reverendo padre prior? Venha o padre prior: venha a festa — dirão alguns — e deixemo-nos dessas metaphysicas modernas que escorregam por entre os dedos, e não passam de feixe de maravalhas ao pé daquellas grandes philosophias dos ideologos que até um sapateiro era capaz d'estudar batendo a sola e apertando o ponto; philosophia de pão pão, queijo queijo, philosophia sustancial, philosophia d'ouvir, vêr, cheirar, gostar, e apalpar, roliça, atoucinhada, confortativa. Se era necessario algum troço da sciencia do *atqui e ergo* para atar estes capitulos ou capituladas dos = Estudos moraes, numero dois = porque não recorrer ao clarissimo Condillac ao bis-clarissimo Tracy? Para que parafusar em entes de rasão impalpaveis, em armadilhas que trescalam a parvoices germanicas, quando estava ahi á mão a philosophia do senso commum, que é o senso patagão e russo, tupinamba e sueco, chim e dinamarquez, emfim o senso de todo o mundo?

Ai, leitor, que ahi bate o ponto! — Quem me dera isso! — Quem me dera poder explicar por um capitulo tantos, paragrapho tantos daquelle santo homem de Locke, o que me succedeu ao escrever esta famosa historia, e lançar na balança da tua inflexivel justiça uma desculpa de obra grossa dos meus rodeios, desvios e viravoltas na ordem e disposição destes importantes estudos! Por mais que scismasse, por mais que afferisse pelos bons principios ideologicos o meu trabalho, sabia-me tudo torto: era querer levantar uma bóla com um gancho, ou firmar a taboa-rasa do philosopho inglez sobre uma das pontas d'um dilema. Como ageitar a minha narração deambulatoria pelas regras do methodo? Impossivel, impossibilissimo! — Fiz então como Constantino Magno. Não achando escapula nem esperanza na religião da materia em que me crearam, fugi para a religião dos espiritos, e por uma theoria d'abstracção *subjectiva* expliquei, como Deus me ajudou, as minhas, aliás inexplicaveis, divagações. Encostado a ella como a uma columna de basalto (de basalto, porque as de marmore e de bronze estão muito safadas do uso quotidiano) rir-me-hei do mais abalisado doutor que venha perguntar-me qual é a ordem logica das minhas idéas. A resposta está no que expuz: pontes intellectuaes, invisiveis, inappreciaveis pelas regras ordinarias do methodo; pontes que unem o branco ao preto, o circular ao anguloso, o proximo ao remoto. Fecho-me nisto. A imaginação que assim o fez é porque assim devia ser: está muito bem feito, ao menos no mundo da idealidade pura. Foi lá que eu passei de um veneravel parochio d'aldeia, portuguez velho em costumes, em linguagem, em crenças, vulto poetico e santo, para um inglez impertigado, monossyllabico, iconoclasta, libertador de pretos alheios, escravizador de saxões e irlandezes brancos; n'uma palavra galguei de um a outro pólo da humanidade. Foi lá que eu pude tombar, rolar, precipitar-me do catholicismo suave, consolador, festivo, ameigador dos miseraveis, despresador dos poderosos soberbos, symbolisador, no seu culto, da igualdade ante Deus, para o anglicanismo perfumado, espartilhado, casquilho, tezo, aristocratico, nevoento, dizimador, intolerante, enxotador dos mendigos, camaroteiro dos templos; — pude tombar, rolar, precipitar-me do vertice brilhante, d'onde derrama a sua eterna claridade o puro espirito do christianismo, no char-

co onde o mergulhou e affogou a vontade de um tyranno devasso do seculo XVI, e a vã presumpção de sua filha a pura, generosa, e sabia Isabel, especie de concilio Niceno de carne e osso para o protestantismo inglez. Dou vinte annos a todos os ideologos, para explicarem por outro systema a transição monstruosa e incomprehensivel, que fiz a semelhante respeito nestes gravissimos estudos. Idealisei um inglez [foi façanha!], idealisei o meu bom prior, e no mundo da rasão pura lá achei que havia entre essas existencias, infinitamente opostas, uma affinidade: qual, não sei eu dizer, porque o esqueci: e ainda que me lembrasse, não saberia exprimi-lo. Dada esta explicação aos pechosos, vamos ás promettidas duas palavras sobre a festa.

Era um dia ardente de julho — a 27, cousa certissima para o leitor em consequencia das minhas profundas investigações chronologicas. O sol ia alto: a igreja parochial involta no manto tricolor — branco, amarello, e vermelho — cal, ochre, rôxoterra — parecia rir no seu jubilo. Um moço do Bartholomeu da Ventosa, rapazote de quinze annos, quatro mezes, vinte quatro dias, e vinte tres horas e tres quartos completos [por ter nascido a uma segunda-feira á meia noite menos um quarto de dois para tres de março] neste grande dia do orago pihára ao moleiro duas graças a um tempo, a de deixar em descanso o seu tonel das Danaides, a implacavel joeira, e a de poder assistir á festa e ouvir a missa cantada e o sermão em vez de ir acabar o pesado somno da madrugada á missa das almas. Gabriel, que assim se chamava o rapaz, ou antes *Graviel*, segundo a mais euphonica pronuncia saloia, vestiu logo pela manhã as suas calças e jaqueta de bombazina em folha, e o seu colete vermelho, engehado de um do patrão a trôco de dois mezes de soldada, calçou as botifarras novas, e enterrou o barrete azul e encarnado na cabeça, derrubando-o para traz, e sem fazer caso do almoço [pois era uma açorda que os anjos a comeriam!] desandou oiteiro abaixo, pela volta das sete e trinta e cinco minutos da manhã, caminho da parochia. Via-se que um grande negocio lhe occupava o espirito, por isso que levava os olhos cravados no campanario, e sem fazer caso das trilhas cortára por entre as restevas, escorregando aqui nas pedras soltas, levando-as acolá diante dos bicos agudos das botifarras. Chegou. O sacristão, que estava á porta da igreja, apenas o lombrigou poz-se a rir, porque logo entendeu o verso. Gabriel era um dos maiores pimpões em repicar sinos que havia entre a rapaziada do logar, mas desde que entrára para casa do tio Bartholomeu, nunca mais puzera pés no campanario. Nos meneios, no gesto, no olhar lhe revia a sêde, a ancia, a saudade das harmonias risonhas, doudas, estrugidoras de um repique desenganado. Vinha tão cêgo, que só viu João Nepomuceno — assim se chamava o sacristão — quando deu de rosto com elle. Estacou embatucado; tirou o barrete, e começou a coçar a região occipital, olhando de revez para o sacristão, que se encostára á hobreira com as mãos cruzadas atraz das costas, e assobiando o *Veni Creator*.

É-lé Graviel! — disse este por fim com um sorriso. — Você hoje campou. O patrão é festeiro; fica o moinho a dormir! Heim? — Galdére; não é assim? Mas, cos dianhos! — não sei como não vieste cá dormir. Bota os olhos acolá para o arraial. Vês? Duas bolaxeiras, e a tia Sezila com queijadas; e disse. Ainda nem sequer o Chico appareceu para começar o repique. Pois para isso não é cedo, que

a missa da festa é ás dez em ponto. Já o padre Chaparro e frei José dos Prazeres estão na sancrestia, e dizem que não tarda ahí frei Narciso, que vem servir de mestre de ceremonias.»

«Oh só João de Permecena! — acudiu o saloio, que tornára, ao ouvir o nome de Chico, a enterrar o barrete na cabeça, mas desta vez á banda — com sua licença hame de perdoar: não sei o que fez em chamar n'um dia destes aquelle jimento do Chico para tocar os sinos. Aquillo!? Ora deixe-me rir. Ha-de-a fazer bonita; não tem duvida! — Olhe, sempre lhe digo...»

«Não digas nada: bem sei. Mas que dianho querias tu com uma cravella de doze que dá a menza da irmandade, e nicles? — Mesmo o Chico deu-me a agua por a barba para o resolver. Se aquillo são uns dianhos d'uns fonas!»

«Pois se vocemecê quer — interrompeu Gabriel em cujos olhos se accendia o desejo, o deleite, e a esperanza — eu lá vou. Hoje o patrão deu-me licença até ás trindades. Salto na torre, e vai tudo razo. — Toco até aquella cantiga de Lisboa, que dizem que canta um tal Catragena em S. Calros: ... tetro-, trão-balão-, re-pim-, piri-pim-pão.»

Enthusiasmado o moço do moleiro cantarolava imitando os sons de um sino, ou antes de um tacho, a musica horrendamente aleijada, esfarrapada, assassinada do ducto de Assur e Semiramis: *La sorte piu fiera*. Se Rossini alli chegasse de subito ou não a conhecia, ou esganava-se. O sacristão estava enlevado.

«Homem! — disse elle quando Gabriel parou — bom era isso; mas o Chico está ajustado; e já agora...»

É que o Chico é o seu padagoz: hame de dar licença que lho diga, senhor João de Permecena! — interrompeu o moço do moleiro vendo apagar-se a luz que lhe illuminára o espirito. — Pois eu tocava ahí a desbancar ainda por menos: bastava que me pagasse um arratel de bolaxas e dois berimbáus.»

«Eu cá não tenho padagozes, homem! Cos dianhos! — replicou o sacristão. — Se elle não estiver aqui ásoito, dou-te a chave da torre e são hoje teus os sinos. Quando quizeres terás as bolaxas e os berimbáus.»

A proposta de Gabriel penetrára como um balsa-mo suave na alma do sacristão: fazia a despeza com seis e meio, e economisava o resto para a igreja, isto é para si como representante della.

Gabriel saltou acima do parapeito do adro e poz-se a olhar para o lado onde morava o Chico. Batia-lhe o coração com força. Ás oito horas devia nascer para elle um dia de gloria e contentamento, ou de desdouro e zanguinha. Deram as oito. «Viva!» bradou, saltando ao terreiro, e correndo ao sacristão. «Venha!» proseguiu, lançando mão da chave da torre com tal violencia, que João Nepomuceno por um triz não foi a terra. Ia-lhe quebrando um dedo.

«Dianho! — Sufa, alimaria! Forte doido! — Oh Graviel! Ouve cá, Graviel! Olha que está passada a corda da garrida...»

Qual Gabriel, nem meio Gabriel! — Tinha desaparecido semelhante a um foguete. O sacristão levantou os olhos para o campanario e viu já as cordas a bambearem e a desembaraçarem-se como as tranças da nobre dama nas mãos subtis de aia geitosa. Gabriel era, sem a menor sombra de duvida, a flor e nata da rapaziada curiosa da aldeia.

Uma pancada retumbante e sonora no sino gran-

de, a qual se repetiu lentamente algumas vezes, foi como um mensageiro despedido por montes e valles, a annunciar um dia de repouso e folgares para o homem do campo, curvado sob o sol ardente nas ceifas e mais trabalhos ruraes do estio, durante os longos dias de trabalho. Era como o romper de uma vasta symphonia. Gradualmente os outros sinos misturaram as suas vozes argentinas com a do primeiro, e a atmospheria esplendida vibrou ondeando em tempestade de notas que se cruzavam, cortavam, interrompiam, luctavam em barbara harmonia. A principio Gabriel, pausado e lento, lançava successivamente uma ou outra mão a esta ou áquella corda: pouco a pouco os seus movimentos tornaram-se mais rapidos, e os sons que transsudavam por todas as aberturas, pelos minimos poros da torre, começavam a assemelhar-se ao granizo do noroeste que d'istante a instante se torna mais espesso ao passo que a nuvem corre mais perpendicular. Era, por fim, um remoinho, um delirio, uma furia sonora. Gabriel estava tomado de campanomania: mãos, pés, dentes, tudo repicava. Enovelado como um gatinho que quer agarrar e ao mesmo tempo repellir um dixe que colheu ás unhas, o bom do rapaz, com os olhos faiscantes e desvaiados, parecia possesso: trepava, bracejava, careteava, tropeava, agachava-se, torcia-se, pulava, volteava, como se estivesse recebendo por todos os lados e a cada instante descargas electricas. Insensível á matizada infernal que lhe estrepitava nos ouvidos, Gabriel dirigia palavras de amor, d'ameaça, de incitamento aos sinos, como se elles podessem ouvi-lo. Queria communicar-lhe o seu ardor e entusiasmo de dilletante; e como se o entendessem dir-se-hia que no contínuo vaivem elles oscilavam tremulos de prazer, e tentavam desprender da pedra os braços robustos e voarem, como as aves que tambem soltavam as suas harmonias, mas livres, pela amplidão dos céus.

No fim de duas horas de lida, a natureza recuperou os seus direitos. Alagado em suor, perdido o alento, esgotados os brios e as forças, Gabriel afrouxára pouco e pouco. A estrepitosa e horrenda caricatura do duetto de Semiramis fôra o canto do cysne. A viveza doudejante do repique se convertêra n'um tocar lento e solemne, que ora imitava o dobre de finados, ora os tres signaes melancolicos que indicam o fim do dia que expira.

Tambem era tempo. No seu banco parte dos festeiros cubertos de fitas e medalhas esperavam já impacientes que o prior, o padre Chaparro, e frei José dos Prazeres sahisses da sacristia para começar a missa. No coreto as rebecas chiavam cada vez com odio mais figadal entre si, ao passo que os *virtuosos* faziam todas as diligencias possiveis para as pôr mutuamente de acordo com os outros instrumentos: a gente, não só da aldeia, mas dos casaes e logares visinhos afluindo de contínuo enchia a igreja; e o apertão que ia a maior, principiava a avariar os chapéus, os schalls, e os vestidos das aldeãs mais opulentas? que tinham obtido transfigurar-se horrendamente com os trajos das peralvilhas da capital, os quaes harmonisavam tão bem com aquelles corpos mal acepilhados e robustos, com aquelles rostos morenos e rosados, como os instrumentos da revoltosa orchestra se afinavam entre si.

Era um escandalo — profundo escandalo — para as beatas da freguezia; para as almas repassadas de patriotismo saloio o ver as novidades de vestuario, que as corruptoras influencias de Lisboa iam der-

ramando para inteira ruina dos bons costumes estragados com essas escusadas louçainhas. A honestidade das raparigas, entendiam aquellas matronas de virtude tão solida como as suas çapatas, tinha ido por ares e ventos envolta nos farrapos das humilhadas saias de baeta vermelha, das abandonadas roupinhas de panno azul, e das piramidaes carapuças. A devassidão, embrulhada nos vestidos de chita, de laã e de seda e mettida entre o forro dos chapéus de palha, penetrára no seio das familias. Tudo estava perdido, e a moral ia cada vez a peor, diziam ellas, com a philosophia macissa que o judicioso Horacio já gastava ha dois mil annos, e que é a mentira mais trivial, mais velha, e mais tola que se conhece no mundo. Nas suas reflexões piedosas, as respeitaveis decanas da aldeia esqueciam, porque o ignoravam, o unico motivo serio que havia para lamentar aquella transformação. Era que esses trajos tornavam contrafeitas as raparigas aldeãs; matavam a poesia campestre; associavam ao idillio a walsa e o whist, e como que impregnavam a atmospheria, pura, brilhante, e livre, dos miasmas repugnantes que povoam o ambiente pezado e abafadiço de tertulia cortesã.

Mas antes de proseguirmos nesta gravissima historia, é necessario que trepemos áquella encosta que fica defronte do presbyterio, e vejamos o que é feito de um nosso conhecimento antigo, roda indispensavel para o andamento da machina de successos que vamos tecendo. Quem não vê que fallámos do nosso jovial e praguejador Bartholomeu; santo velho, se não fosse um desalmadissimo avaro! O moleiro desde que o filho casára andava-lhe tudo á medida dos seus desejos. Era ganhar dinheiro como milho, e o futuro da familia dos Ventosas surgia brilhante no horisonte. O Manuel estava de feito aposentado na azenha do Ignacio Codeço, e com uma labutação de por ahi alem. As peças do padre prior tinham feito o milagre sonhado por Bartholomeu, e ainda haviam sobejado algumas que o honradissimo moleiro associára ás do seu mealheiro para arranjar o casal dos Caniços, de cuja venda já lhe dera palavra seu irmão Barnabé, a quem elle, havia dois mezes, não deixava de dôr d'ilharga para que lhe tornasse as suas vinte moedas, que lhe eram indispensaveis, dizia o matreiro saloio, para pagar uma divida contrahida com um usurario de Lisboa por causa do casamento do seu Manuel, que se vira obrigado a arrumar. E como Barnabé, que tambem era saloio e manhoso, lhe objectasse que só vendendo o casal dos Caniços lhas poderia pagar de prompto, e que era uma de seiscentos achar comprador que dêsse o que elle valia, Bartholomeu, acceso em amor fraterno, lhe declarou que o maldito usurario dera a entender que se elle Bartholomeu tivesse umas terras que lhe empenhasse esperaria pelo dinheiro com quaesquer cinco por cento ao mez: que por isso, vendo-se naquelles apertos e afflicções, faria o sacrificio de lhe tomar o casal pelas vinte moedas e mais o que fosse justo, que iria pedir ao mesmo usurario; porque — accrescentava elle, quasi chorando — vão-se os aneis e fiquem os dedos. Que elle ficaria arrazado, e a bem dizer a pedir esmola, porque, como elle Barnabé lhe affirmava todas as vezes que lhe ia pedir o seu dinheiro, as excommungadas das terras apenas davam para o fabrico. Emfim tão despejadas mentiras pregou ao irmão, tanto o atanzou, taes artes teve de lhe converter as setas em grelhas, que as bichas pegaram, e Barnabé deu o sim, a risco de estoírar os

ossos á tia Vicencia, sua respeitavel consorte, á minima pegadilha, ou de rebentar de paixão como um satanaz alguma noite na cama, se não desabafasse daquella grande magua com uma boa massada na mulher, consolação que para um verdadeiro saloio é nas afflicções o supra-summum dos prós e precalços matrimoniaes.

A Providencia temperou as cousas deste mundo de modo que se podem symbolisar todas as felicidades delle n'uma ameixa saragoçana. Doçuras, succo, belleza exterior; — sim-senhor: tudo quanto quizerem: mas no fim de contas, travo e mais travo ao pé do caroço. É o que explica, pé á pá santa Justa, a theoria das compensações d'Azaís. Mais um caso para mostrar as carradas de rasão que Azaís tinha na sua grande cenreira a este respeito, é o que succedeu ao moleiro no dia em que Barnabé acabou de se resolver sobre o casal dos Caniços. Tinha sido justamente no dia da festa pela manhaã que Barnabé fôra com a sua Joanna á missa das almas, e viera pelo moinho almoçar com o irmão, que não lhe mostrou a melhor cara a principio, mas que até mandou fazer uma fritada de meia quarta de linguiça e tres ovos [um bolou-se fôra porque estava gôlo] quando soube ao que elle vinha. Bartholomeu não cabia em si de contente: obrigou a sobrinha a levar atados no avental obra de dois arrateis de farinha para fazer umas raivas, pondo lá o assucar e os ovos, e mandando-lhe metade dellas: e por mais que pae e filha se escusassem de acceitar o seu favor, embirrou, e não houve torcê-lo. Estava naquella dia capaz de lhes dar de presente metade da sua fortuna, e mais era, dizia elle, um pobre de Christo. Logo que se foram, Bartholomeu deitou a correr para casa, fechou-se no seu quarto, abriu umas apoz outras as vinte gavetas de um contador, mecheu e remecheu em todas ellas, tornou a fechar, e fazendo contas de cabeça começou a passear de um para outro lado do aposento, com as mãos cruzadas nas costas, e entregue ás suas cogitações.

Os adornos ou guarnição do aposento consistiam em um leito de casados de páu-santo de pés torneados e cabeceira redonda, thalamo nupcial, agora enlutado pela sempre chorada morte da tia Genoveva da Ventosa, mãe de Manuel da Ventosa, e mulher que fôra do honrado Bartholomeu da Ventosa, que, para fallar como os poetas, solitaria rolla [ou rollo, ou rolho] naquelle ninho silencioso se encouchava triste nas longas noites d'inverno, ai, outrora tão felizes! O contador ficava defronte: e ao lado um bofete, e sobre o bofete um oratorio forrado de damasco amarello com sanefa encarnada. Sete santos povoavam o larario da defunta moleira: S. Servulo, S. Onofre, S. Miguel, S. Sebastião, S. Gregorio, S. Antonio, e S. João Baptista: este ultimo no centro e em peanha mais elevada; S. Antonio á sua direita com um cordão de ouro lançado ao pescoço com muitas voltas ao redor do corpo. Como supplemento, por cima da cabeceira da cama uma lamina da Senhora da Conceição, e dois registos de S. Barbara, outro de S. Rita; no tardo da porta uma cruz de S. Lazaro pregada com massa. Uma arca da India com ferrolho de correr e pregaria de grandes cabeças chatas de duas pollegadas de diametro, e quatro cadeiras de costas e assentos de couro lavrado completavam a mobilia do aposento. No canto do bofete, quasi á borda, estavam cravados um cruzado-novo e um tostão falsos, memorias dolorosas de um mono que pregára certo padeiro de Lisboa ao moleiro, na compra de

uns saccoes de farinha, historia que se eu a contasse havia de fazer arripiar o pello aos leitores mais do que as novellas de Anna Radcliffe.

«Dez centos de mil réis! Chumba-lhe! — dizia o velho esfregando as mãos como um botecudo esfrega dois páus de que quer tirar lume, e passeando com passos curtos e rapidos de um para outro lado. — É isso! cem peças, sete centos e meio; quatrocentos pintos, dois centos menos oito, fazem nove centos e meio menos oito: duzentas cravellas de doze, meio cento menos dois: oito e dois dez: dez centos menos dez: oitenta de seis fazem duas moedas: duas moedas dez mil réis menos um cruzado: oito meios tostões quatro tostões: quatro tostões com . . . justamente, dez centos. Ah só Barnabé, quer setecentos? — Heim? — Com vinte moedas que já lá andam a juro, parece-me . . .! — Quer ou não quer? — Homem isso é muito pouco . . . — Pouco?! E doze moedas de foro? — As terras dão bem para isso: só a Abrunhosa . . . — Pois se dão, homem, paga-me as vinte moedas. Ah, embatucas? — Oh, oh, ih, ih, ih! . . .»

E Bartholomeu ria a bom rir daquelle dialogo que phantasiava travar com o irmão. De repente, porem, as feições contrahidas pelo riso se lhe immobilisaram diante de uma idéa fatal. Barnabé podia dar com a lingua nos dentes ácerca do negocio, n'alguma noite em que fosse para a tenda do Agostinho jogar a bisca a vinho, segundo o seu costume, e sahir um atravessador a picar-lhe o lanço — o Bento Rabixa, por exemplo, que tinha muito caroço, e que era um dos da tripeça da bisca. Vinham-lhe calafrios com tal pensamento. Uma palavra, uma allusão perderia talvez tudo. Era verdadeira agonia a sua. Costumado a implorar o céu nas grandes afflicções, Bartholomeu por uma daquellas subtilidades moraes dos avaros, que sabem conciliar a devoção com o seu vicio hediondo, ajoelhou diante do oratorio e com lagrimas e fervorosas supplicas começou a pedir a S. João Baptista fizesse com que Barnabé não tugisse nem mugisse a semelhante respeito. Nas suas orações passou-lhe talvez pela cabeça a idéa de um estupor na lingua de Barnabé. Desconfio: não o affirmo; porque não gôsto de cousas ditas no ar. O que é certo é que procurou dar a entender ao santo que teria duas vellas accesas e uma esmóla para a sua festa, exprimindo-se por tal arte que não ficasse absolutamente preso pela palavra, e podesse roer a corda depois de se pilhar servido.

Em quanto o moleiro se debatia nestas tempestades de ambição, passava-se no presbyterio a scena que já descrevi entre João Nepomuceno e Gabriel. A principio Bartholomeu, embebido nos seus calculos, temores e rogativas, nem sequer ouvira os repiques variados e harmoniosos com que o rapaz do moinho rompêra o seu grande e festivo concerto; mas pouco e pouco o motim dos sinos crescêra a ponto, que só os defuntos do cemiterio poderiam ficar indifferentes a tão retumbantes bellezas musicas. Na aldeia já ninguem se entendia no meio dessa procella de sons, que trepando pelos outeiros ao redor, e precipitando-se para os valles alem, iam levar o ruido da festa, e a gloria de S. Pantaleão ás povoações visinhas. Penetrando pelos ouvidos do moleiro aquellas vibrações desalmadas, fizeram-no despertar do extase de sovinnaria devota que o arrebatava. Ergueu-se, chegou-se á janella, alçou a adufa, poz-se a mirar o relógio de sol do campanario, piscando os olhos e fazendo com a mão uma

especie de palla para os defender da luz, e depois de se afirmar por um pedaço, deixando cahir de golpe a adufa correu á arca, murmurando: nove horas! — já mais de nove horas! Esta só por trezentos milheiros de diabos! E ainda tenho de me vestir! — Com seiscentos diabos! D'aqui a nada estão lá os outros. Ora o diabo!..»

Estas imprecações em rasão descendente, que o moleiro tinha sempre na boca por um mau habito, que todas as prégações e remoques do padre prior não haviam podido fazer perder áquella lingua damnada de Bartholomeu, nasciam de uma circumstancia na verdade seria. A função d'igreja devia começar ás dez horas, e elle era um dos festeiros. O padre prior tantas voltas dera que o obrigára a sê-lo e a esportular uma moeda para as despesas. Devemos acreditar que nunca o teria alcançado, se não fosse o dote de Bernardina, sobre o que o moleiro tremia que o velho clerigo deixasse escapar alguma palavra. Elle aproveitára habilmente o caso para passar por bom pae e generoso, e ao mesmo tempo para se esquivar ao menor acto de beneficencia o resto da sua vida, afirmando que se empenhára até os olhos para comprar, e reparar a azenha do Ignacio Codeço e estabelecer lá o seu rapaz, quando a verdade era que comprada e reparada a azenha, posta a casa aos noivos, adquiridos seis machos, paga a soldada de tres mezes a dois moços, provida a dispensa, e deixadas algumas moedas para as despesas diarias, ainda um certo numero de loiras do padre prior tinham ido cahir, como já disse, no escaninho onde jaziam sem ver sol nem lua aquellas que o moleiro acabava de contar. Obrigado por semelhantes considerações, e á força de rogativas do parochio e das picuinhas de outros irmãos da irmandade do Santissimo, que se tinham mettido no negocio, o moleiro achava-se elevado a uma situação que estava longe de ambicionar. Perdida a moeda, que elle havia de chorar toda a sua vida, importava-lhe não perder a consideração e valia na festa que por tão alto e raivado preço comprára; era o risco que via eminente, ao menos em parte, se não estivesse a ponto de sahir da sacristia para a capella-mór no prestito dos festeiros.

O dia começára bem; mas ia-se tornando aziago.

Apezar de velho, curto, e barrigudo, o moleiro, não vendo nenhum outro meio de esquivar o contratempo que receava, apressou-se o mais que pôde em se adornar com o aceio e pontualidade que requeria o acto. Do fundo da arca sabiu o arsenal completo para os dias de ver a Deus. Era respeitavel pela antiguidade! — Monumentos de mais felizes epochas, os arreios esplendidos de Bartholomeu constavam de uns calções de gorgorão cõr de tabaco, de um colete de veludo verde, e de uma casaca azul de abas largas e gola estreita [isto passava ha bem dezoito annos] antipoda da casaca peralvilha dos casquilhos daquelle tempo. As menudencias do traje diplomatico do moleiro compunham-se de um chapéu armado, de um pescocinho com bofes, de umas meias de algodão brancas, e d'uns sapatos de entrada abaixo, ensebados de novo, com fivellas de prata, batendo quasi na vira de um e outro lado. Assim vestido era um principe. Não; que lá isso é verdade: mettia respeito! Apressado, vermelho, suando com a calma, bufava como um toiro encaminhando-se para a igreja: os moços dos seus collegas, os de tres padeiros que havia no logar, e os de cinco lavradores a quem costumava comprar os trigos, passando por elle desbarretavam-se até

baixo: a outra saloiada espécada pelo arraial fazia menção de cortezia com o barrete: dos mendigos que começavam a apinhar-se para o presbyterio ao cheiro do bodo, uns que não o conbeciam por virem de longe estendiam-lhe a mão e davam-lhe senhorias — tudo em vão; — outros, que eram dos arredores, rosnavam e praguejavam-no. Mas dessas rosnaduras e pragas ria-se elle. Na aureola de gloria que o cercava já, que o ia cercar ainda mais brilhante, Bartholomeu estava tanto acima da maledicencia daquelles madraços, como os homens d'estado de qualquer partido costumam estar acima das ferretoadas, sovinadas, e lambadas da imprensa periodica do partido contrario, segundo affirmam aquelles que os defendem. Vide jornaes de todas as côres e cambiantes, *passim*. Como elles, o moleiro podia dizer pondo a mão sobre o coração — a minha consciencia — a minha honra — a opinião publica — os meus serviços — a nação — a posteridade: — e depois tossir e escarrar grosso, e seguir avante sem se embaraçar com aquelle rosnatorio despeitoso e zangado; porque como bem disse um poeta de philosophia ancha:

O premio da virtude é a virtude:

O castigo do vicio o proprio vicio.

E foi o que Bartholomeu fez: e com rasão. Não eram os respeitos dos moços dos outros moleiros e dos lavradores seus freguezes, e os dos pobres que o avaliavam pelo sécio dos trajos, a prova cabal e indestructivel da sua popularidade? — Eram. Que caso devia, pois, fazer dos zums-zums de meia duzia de farropilhas? — Nenhum. Eu cá, pelo menos, sou d'opinião que fez bem proseguindo no seu caminho, tranquillo com o testemunho d'uma voz intima que o certificava de que era um homem d'importancia e digno por todos os titulos de representar o papel de festeiro a que fôra chamado.

Mas a nobre altivez do moleiro, e a firmeza que mostrára para não deslizar um apice do character grave e sobranceiro, proprio da sua situação, tinha de ser posto a mais dura prova. O momento em que chegou ao adro foi aziago. Ahi viu e ouviu cousas que o fizeram sahir da gravidade e compostura que até então guardára. O que o negocio deu de si vê-lo-ha o leitor no proseguimento desta historia, que poderá ter mil defeitos, mas que [não é por me gabar] tenho levado com toda a pontualidade na chronologia e na averiguação dos mais miudos factos que possam illustrá-la.

(Continuar-se-ha.)

A. Herculano.

#### PORTO-SEGURO NO BRAZIL.

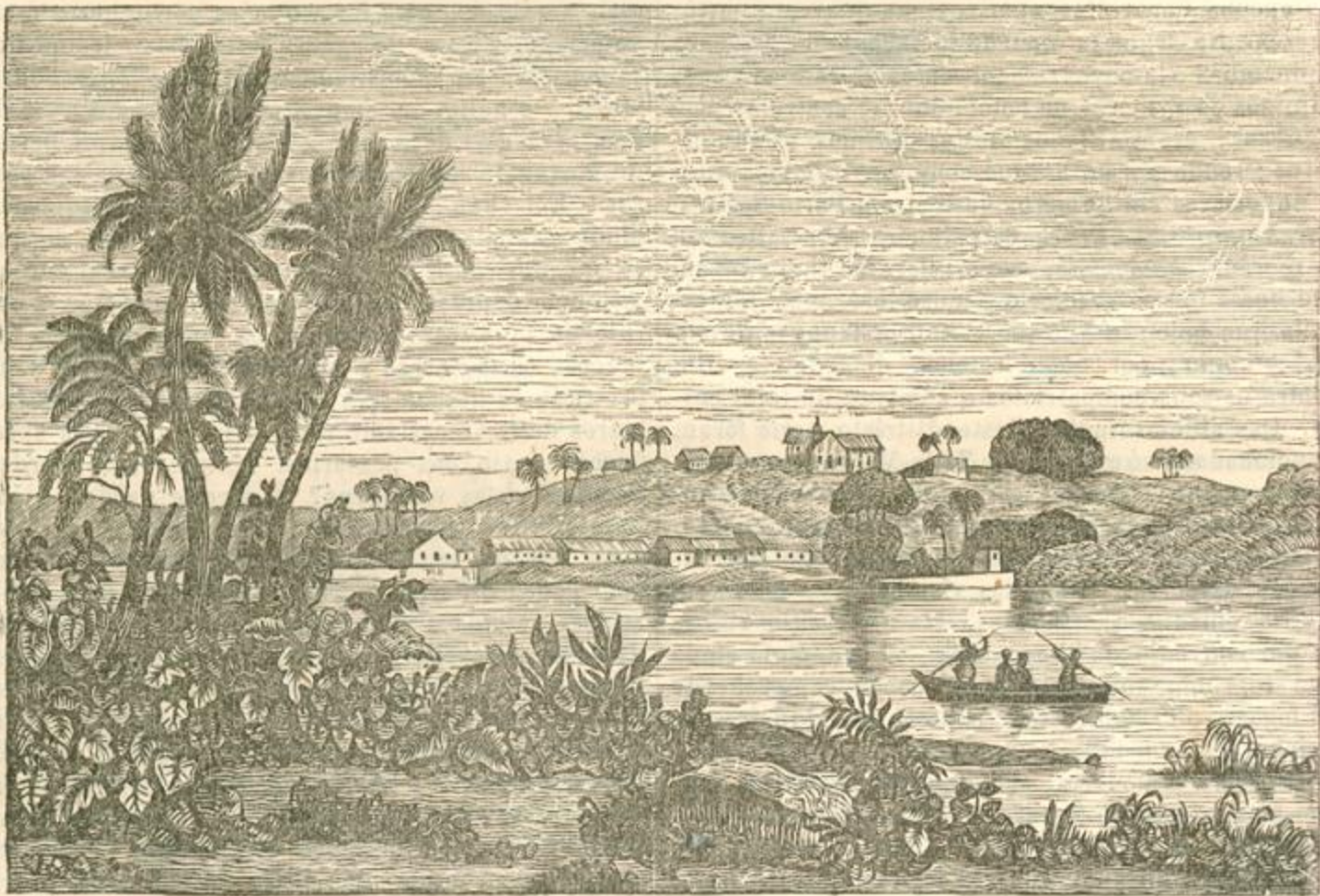
Porto-Seguro é, como todos sabem, a primeira terra americana onde saltaram os portuguezes, capitaneados por Cabral, que em 1500 seguia para a India oriental com sua armada: foi ella a primeira em que se arvorou o estandarte da Redempção, pelo que foi logo imposto áquella região o nome de «Terra de St.<sup>a</sup> Cruz», depois convertido na denominação geral — Brazil — em rasão do precioso lenho de tinturaria, como larga e sentidamente pondéra Barros. As noticias, que vamos transcrever são extrahidas da muito acreditada viagem do principe de Neuwied.

Tendo caminhado tres leguas, á sahida d'uma pequena matta achámo-nos á borda do rio de Porto-Seguro: a baixa da povoação do mesmo nome ap-

parece na margem do norte com seus tectos de telhas encarnadas á sombra dos coqueiros; a parte mais alta fica um pouco mais distante sobre uma eminencia, onde só ha saliente o espigão do telhado do convento dos jesuitas. Passei logo o rio e fui pousar á casa da camara no alto da villa.

Porto-Seguro, entre as povoações da sua comarca é a primeira em cathogoria; posto que seja menos consideravel que a de Caravellas, é terra pequena de 420 fogos, edificada ás porções, alguma cousa separadas umas das outras: a principal não é grande, compõe-se de poucas ruas, por onde cresce herva, orladas de casas terreas pela maior parte, sendo raras as de um andar: acham-se ahí a igreja, o convento que foi dos jesuitas, hoje habitado pelo professor de latim, a casa da camara, e a cadeia. A maioria dos habitantes largou a altura para descerem áquella porção da villa mais proxima ao rio, por estar melhor situada para o negocio, á qual chamam *Os Marcos* e é a mais conside-

ravel: tem as casas espalhadas, sem regularidade, em geral baixas, e cercadas de vergeis de laranjeiras e bananeiras: aqui moram os habitantes mais ricos, os proprietarios de navios, que manejam o commercio de Porto-Seguro. A terceira parte da villa está mais abaixo, á foz do rio e é denominada *Pontinha* ou *Ponta da areia*. Independente de algumas vendas, encontram-se casinholas dispersas em meio de coqueiros, e habitadas por pescadores ou marinheiros. A villa superior está de ordinario deserta e morta, muitas casas estão fechadas e vão desabando; porque só é frequentada nos domingos e festas, que então a aviventa o concurso de individuos trajados de gala. Os portuguezes nunca faltam por sua vontade á missa, e cada um assiste a ella com seu fato domingueiro: ha tal que de semana mal cobre a nudez, e ao domingo appresenta-se vestido aceiadamente. Já fiz observar que os brazileiros de todas as classes são mui limpos e desvelados no vestuario; justiça é esta que se lhes deve fazer.



Penayúão

Jesuita

Logo immediato ao alto da subida, a qual é bastante ingreme ergue-se o convento dos jesuitas, grande edificio de pezada construcção. O Sr. A. J. M. de Pinha, professor da lingua latina, me acolheu da maneira mais amigavel. De suas janellas gozamos da vista do mar, a essa hora em perfeita bonança: com os olhos seguiamos até o limite do horisonte os navios á véla, e com o pensamento os acompanhavamos até a nossa patria: para ambos os lados se estendia a costa, d'encontro á qual o oceano rola de continuo as vagas com ruido surdo e constantemente uniforme.

O rio de Porto-Seguro, chamado Buranhem na antiga linguagem dos indios, tem uma excellente barra ou foz, abrigada por um recife que entra pelo mar; o seu fundo é pedregoso, e fórma desta maneira um porto mui seguro e favoravel ao commercio desta villa, que do mesmo tomou o nome.

Havia nelle então obra de quarenta lanehas, pequenas embarcações de dois mastros, que vão á pesca da garoupa e mero, duas castas de peixe boas, e andam no mar ás vezes por quatro até seis semanas; quando succede assim, voltam com a carga de mil e quinhentos a dois mil peixes salgados, por cada barco. A villa exporta annualmente noventa a cem mil peixes, mandados para a Bahia e outros logares, o excedente é consumido na terra e seus arredores. Sendo o preço medio de cada peixe 160 a 200 réis, resulta para a villa ganho consideravel: comtudo, dos 2:600 moradores que contém poucos são os ricos, porque á maior parte faltam a actividade e intelligencia necessarias para medrar em commodos da vida: de ordinario escambam o peixe por outros generos. E como aquelle é o seu principal sustento, acha-se na villa muita gente atacada de escorbuto, e o viajante, ao chegar, vê-se in-

vestido de uma turba de doentes pobres. Poucos habitantes tem roças e se dão á agricultura. Tiram de St.<sup>a</sup> Cruz a maior quantidade da farinha de que carecem.

Os habitantes de Porto-Seguro gozam da reputação de excellentes marinheiros. As relações com a Bahia são muito activas; nenhum porto da costa offerece tão frequentes occasiões de transporte para essa cidade. As embarcações empregadas nesta navegação são pequenas lanchas garoupeiras de muito bom pé de véla, e que sobre tudo andam muito bem contra o vento: o mastro da pópa é o mais curto; o mastro grande tem uma grande véla quadrada, e o da pópa uma pequena e triangular: podem orientá-las de tal modo que a embarcação ande com o vento mais contrario e que não deixa navegar outros quaesquer navios.

O primitivo tempo da historia de Porto-Seguro apresenta muitos successos notaveis. Durante a guerra dos holandezes no Brazil, não contava este logar mais de cinquenta moradores; e nas circumvisinhanças eram sitas tres aldeias d'indios. Na mesma epocha Caravellas apenas tinha quarenta portuguezes. Na segunda metade do seculo 17.<sup>o</sup> alguns tupinambas e tamoyos remanecentes uniram-se a seus inimigos os aymorés ou botocudos (\*) contra os portuguezes; eram alliados destes ultimos os tupiniquins; sendo porem os seus communs inimigos muito superiores em numero, destruíram Porto-Seguro, St.<sup>o</sup> Amaro e St.<sup>a</sup> Cruz; na primeira sobresaltearam os moradores na missa, como refere Southey. Dizem que nesse tempo era Porto-Seguro terra mais importante que hoje; e que um cabo dos tapuyas do rio St.<sup>o</sup> Antonio, por nome Tateno, defendeu a villa contra os seus compatriotas e a salvou de total ruina. Das aldeias indias deste districto, que foram mencionadas, só existe a de Villa-Verde, assentada a uma pequena jornada rio acima; é povoada d'indios, e só o vigario e o escrivão são portuguezes. O maior numero dos primeiros moram em suas fazendas dispersas n'aquellas visinhanças, e só vem á villa em dias santificados. Ha neste sitio ruinas de um convento da Companhia, cujo templo ainda está servindo ao culto. A povoação comprehende 50 fogos e 500 habitantes; exporta mil alqueires de farinha e algum taboado . . . . .

Muitos rios menores, entre outros o Patatiba, juntam-se ao de Porto-Seguro, ou Buranhem, appellido tambem rio da Caxoeira: desde a confluencia até a barra, distancia de tres leguas, dão-lhe o nome de « *Ambas-as-Aguas.* »

*Vantagens das pescarias antigas.* — As pescarias, viveiro perenne da gente do mar, tem sido promovidas desde o reinado do Sr. D. José, mas sem o successo correspondente ás vistas do ministerio: é um objecto que pela sua importancia e pelas facilidades, que nos offerece, pede novos cuidados. Ellas fizeram uma parte da riqueza de Portugal, ainda antes da epocha do seu engrandecimento; foram a primeira eschola dos nossos marinheiros e deram o nascimento á nossa marinha. Parece que devemos os primeiros principios das nossas pescarias aos milanezes, que desde o tempo do Sr. rei D. Affonso 3.<sup>o</sup> vieram estabelecer-se no Algarve para a pesca do coral, e ahi estabeleceram tambem as das baleas e do atum: é certo que ellas chegaram a ser muito importantes, e tão rapidos os progressos deste ramo

(\*) Vid. a noticia sobre esta raça de selvagens e a estampa a pag. 129 do 2.<sup>o</sup> vol. da nossa 1.<sup>a</sup> Serie.

de industria nacional por toda a costa do reino, que no tempo do Sr. D. Affonso 4.<sup>o</sup> fizeram os moradores de Lisboa e Porto um tratado de commercio com Duarte 3.<sup>o</sup> d'Inglaterra, em que este rei lhes concedeu irem pescar ás costas da mesma Inglaterra e da Bretanha. As pescarias do Algarve e Estremadura foram sempre as mais consideraveis, e a celebre associação, que fizeram Setubal, Alcaccer, Sines e Cezimbra produziu um ramo de commercio muito importante, porque alem do peixe para o consumo nacional, chegou a mesma associação a fazer extrahir porções consideraveis para fóra do reino, e assignaladamente para o Aragão. De uma e outra parte do Sadão se construíram viveiros para conservar o peixe fresco, e tanques para se fazerem as salgas, alguns dos quaes ainda existem: monumentos curiosos que attestam da arte, com que se faziam as pescarias, e dos progressos de uma industria, que parecem pouco compatíveis com o estado, em que então se achava a nação.

O bacalháu da Terra-Nova, depois que esta ilha foi reconhecida pelas Côrtes-reaes, deu um objecto mais amplo ás pescarias, que os portuguezes estabeleceram nestas paragens: estes estabelecimentos se conservaram pelos tempos do nosso engrandecimento, e nelles se empregavam por anno mais de cem caravelas de Aveiro, Vianna, e outros portos de Portugal: tão consideraveis eram as nossas pescas! Em 1615, já no tempo da nossa decadencia, ainda estabelecemos no Brazil a das baleas, de que se fez um contracto exclusivo para a real corôa, mas bem depressa enfraqueceu esta tendo-se já arruinado as outras; e vieram os dinamarquezes, os suecos, os inglezes, e outros povos do norte, e sobre tudo os holandezes a aproveitar-se de todos os lucros deste importante ramo d'industria, e a aperfeiçoar o uso das pescarias. Porque rasão perdeu Portugal estas vantagens? É porque perdeu a sua industria e a sua marinha. Só na Hollanda contava João Wit no seu tempo 750:000 pessoas [que era com pouca differença a terça parte dos seus habitantes] as quaes viviam dos differentes productos das suas pescarias, e são hoje os industriosos americanos os que tiram maior proveito da pesca da balea, sem que os Estados-Unidos possuam uma polegada de terra junto aos remotos mares, onde os seus navios as vão tomar, em quanto nós vemos cahir o nosso contracto exclusivo, e somos obrigados a admitir o azeite de peixe estrangeiro. Porque rasão não tem produzido effeito as saudaveis providencias, que se tem dado sobre as nossas pescarias, tendo nós tantas costas e tantos rios na metropole, e nas colonias, que abundam do melhor peixe? É porque não temos a industria dos americanos, dos holandezes, dos inglezes, e dos outros povos, que fazem as pescarias.

Os privilegios com que o Sr. rei D. Manuel animou as nossas pescarias, mostram quanto elle conhecia a sua importancia: por este meio e por premios concedidos a todos aquelles, que construissem navios de novo, é que este monarcha alimentou e sustentou as forças da marinha mais respeitavel, que então cobria os mares. É em mais de um objecto, que nós devemos tomar as lições dos nossos maiores. — *Extrahido de um m.<sup>s</sup> sobre as causas do engrandecimento e decadencia dos portuguezes.*

Não devemos nunca desprezar os adagios e rifões dos antigos: são escolhos marcados no roteiro da tempestuosa viagem da vida.